



BUENO, Wilson. **Mar paraguayoy**. São Paulo: Iluminuras, 1992.

O PROBLEMA DA FORMA EM *MAR PARAGUAYO*, DE WILSON BUENO

Victor César de Oliveira Vale¹

Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG)

victorcesar761@gmail.com

Mar paraguayoy foi oficialmente publicada em 1992 no Brasil pela editora Iluminuras em parceria com a Secretaria do Estado da Cultura do Paraná. Antes disso, fora lançado um prospecto da obra com mais de 100 páginas pelo próprio autor Wilson Bueno numa seção do jornal para o qual colaborava periodicamente, o *Nicolau* (1987-1996), no Paraná. Em síntese, a novela-em-progresso, assim reconhecida por Wilson Bueno em publicação no jornal, trata-se do drama de la marafona del balneário, vertido em “um portunhol malhado de guarani” (PERLONGHER, 1992, p. 8), narrado por ela mesma, uma prostituta que vive de sorte e sozinha em Guaratuba após a morte do seu amante el viejo pela qual foi a principal responsável. Para tanto, com medo do inferno, decide escrever sobre isso na tentativa de se reconstruir em meio ao caos. No meio disso tudo, se encontra apaixonada por el niño, um jovem rapaz que contempla da janela de sua casa todas as tardes ao vê-lo passar de bermuda florida, “por la calle en frente, duras coxas, sus joelhos de caballo ao sol” (BUENO, 1992, p. 26).

Com relação à história, *Mar paraguayoy* (1992) começa com uma espécie de prefácio chamado “notícia”. Nele, la marafona del balneário de Guaratuba chama a atenção para a importância do guarani na história: “es tan essencial en nesto relato quanto el vuelo del párraro, lo cisco en la ventana, los arrulhos del português ô los derramados nerudas en cascata num solo só suicídio de palabras anchas” (BUENO, 1992, p. 13). Além disso, revela não ter assassinado el viejo, apesar de “los esfuerzos de alcançar vencer a noches y dias de pura sevícia” BUENO, 1992, p. 13). Depois, descortina-se um capítulo que se chama Ñe’e, uma palavra do tupi-guarani que significa conversa. Daí em diante ela vai jogar conversa fora mesmo, na interpretação de Néstor Perlongher. Por meio desse capítulo, que vai da página 15 até a 71, o leitor fica sabendo, por exemplo, do que la marafona del balneário de Guaratuba tem medo, como ela conheceu el niño, das suas recordações com el viejo, do seu bestiário, entre outras coisas que estão perdidas no subconsciente da prostituta. Last but not least, tem se o “Añaretã”, outra palavra do tupi-guarani que significa inferno. Nesse capítulo, deixa subentendido que matou el viejo e que tudo o

¹ Licenciado em Letras – Português pelo Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL) da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG).



que dissera antes, “esta estranha matança” (BUENO, 1992, p. 73), não passou de um pretexto para tal ato, “perfecto quando lo que se pone en cuestión es la muerte” (BUENO, 1992, p. 73).

Um dos problemas, senão o principal, com o qual o leitor pode se deparar ao ler *Mar paraguay* (1992) é a sua forma, a saber, diferente da forma tradicional com que se conta uma história; isto é, com começo, meio e fim ou introdução, desenvolvimento ou complicação e desfecho; personagens bem delineados (protagonista, vilão, herói, personagens secundários etc.); tempo e espaço definidos. Essa forma vista como problema é resultado das experiências pelas quais o homem passou no século XX, como a Primeira Guerra Mundial, para citar uma delas, que alterou o pensamento do homem moderno e, por conseguinte, a forma de narrar o sujeito, entre outras mudanças noutros campos do conhecimento. Clarice Lispector, uma das influências literárias de Wilson Bueno, por exemplo, começava suas narrativas no meio da história (in media res), jogando o leitor de um lado para o outro, fazendo-o descer até as profundezas do eu de suas personagens movidas ora a uma grande cólera, como a do personagem Martim que o leva a cometer um crime, ora a uma perplexidade, como a da personagem Ana, em *Amor*, diante de um cego que mascava chicletes (NUNES, 1989, p. 102-103). A romancista junto com Guimarães Rosa fazia parte da terceira geração modernista, também chamada de Geração de 45, última fase do modernismo no Brasil, que tinha, entre outras características, a ficção experimental, a qual tenta relatar o mais próximo do que se passa na consciência do ser humano.

Mar paraguay (1992) é um desses tipos de ficção. Wilson Bueno quis com essa obra relatar o que se passa na cabeça das prostitutas, seres marginalizados, e, ao mesmo tempo, mostrar para o mundo que elas são iguais a todo mundo, pois têm sonhos, paixões, dúvidas existenciais, como na seguinte passagem em que la marafona del balneário de Guaratuba se questiona se é feliz:

Todavía aquí estoy, e acá es el mundo possible. Sueño con dulces moradas, aristocráticos perros de la raza dálmata corriendo por las pradarias de una gran mansión en los States, miragens, camiñosa descubierto del delírio. Por que, por que no puede alguien llegar a la felicidad por estas sendas technicolor? Solo una cosa está acima de la duda: la muerte. Lo restante es todo ficción, dramas, televisiones, literatura (BUENO, 1992, p. 51).

Essa dúvida que ela tem, pano de fundo da história, é a mesma que o homem tem atualmente diante da realidade (experiência) com a qual ele luta para transformá-la, seja por meio da arte, seja por meio de protestos. Nesse sentido, la marafona del balneário de Guaratuba luta com palavras para não ser, por assim dizer, engolida pelo mundo, moldado pela invenção do capitalismo. Ela se coloca como experiência para que possa ser lida:

Escribo para que no me rompam dentro las cordas del corazón: escribo noche y día, acossada, acavalada, asi en el viento del balneário en la cadência triste de los inviernos de ahora: el tempo moviendo-se y las sombras úmidas de los



sombreros, de marcha y espeto con la paisagem de la ruíta estragada de arena y sal. Pingam las goteras por el forro de la casa. Es demorado ali donde el bolorempeza a urdir su vida secreta. E para que dentro no se crien estos espácios onde se anda la muerte sin pressa como las tarântulas, escribo esto acá, derramado y lúgubre (BUENO, 1992, p. 32).

A casa de que fala é o mundo, e o mundo é ela. Las goteras representam o tempo. E o tempo em Guaratuba (el bolor), que também é la marafona del balneário de Guaratuba, é demorado, porque a vida da prostituta está recomeçando agora após a morte del viejo. Essa representação do tempo por meio das coisas é um dos recursos lançados mão pelos modernistas para atingir o máximo da experiência em suas obras. Essa experiência que também marcará a poesia e o romance do século XX.

Não é à toa que os críticos são unânimes em dizer que o Modernismo foi uma escola que levou realmente a sério o projeto de construir uma literatura nacional. Se fosse possível resumir o movimento e o século no qual ele se desenvolveu em uma palavra, esta seria experiência. Sua influência foi (e é) tão grande que acabou respingando noutros escritores subsequentes como Wilson Bueno, que bebeu da mesma fonte que Guimarães Rosa e Clarice Lispector para produzir suas obras. O problema da forma em *Mar paraguay* (1992), então, reside no fato de que a estrutura da novela, gênero no qual a obra se classifica por convenção, foi totalmente violada em razão da experiência por que passa a prostituta, mais importante no século XX. Essa violação da estrutura tem mais a ver coma posição ou atitude do sujeito em um mundo onde as formas não se reconhecem do que como mero artifício literário em voga. Se literatura é expressão da realidade, é esperado, senão o é, que seus gêneros também se adaptem a esta com todos os dispositivos de que ela dispõe.

Em suma, essa obra é indicada àquelas pessoas intensas, que se indagam a respeito do futuro, do novo, se arriscando no mar da vida, incerto, com uma boa dose de exotismo, sem se esquecer da boa literatura.



Referências:

NUNES, Benedito. **O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector**. São Paulo: Ática, 1989.

Recebido em: 27/09/2020
Aprovado em: 03/11/2020